

TEXTO PREPARATÓRIO
PARA O 1º ENCONTRO

A TERRA COMO DOM É FRUTO DA
FIDELIDADE DE DEUS

A terra é uma das temáticas principais do Livro de Josué, dado que a primeira parte narra a sua “conquista” (Js 1–12) e a segunda, descreve a delimitação territorial das tribos. Mas não podemos dizer que a terra, em Js, é vista como um objeto a ser possuído, nem que a sua conquista se deu pela capacidade estratégica de Josué, ou pela força militar de seu exército, como as guerras expansionistas promovidas pelas outras nações. A terra é uma dádiva do Senhor (Js 1,2.3.11.13.15; 2,9.14; 5,6; 9,24; 18,3; 24,13), dada como herança, porque Deus é fiel às promessas feitas aos patriarcas e matriarcas (1,6; 11,23; 13,6). De fato, Deus cumpriu a sua parte, mas o povo poderá perdê-la se não permanecer fiel à Aliança estabelecida com ele (Js 23–24). Nesse sentido, é importante o texto de Js 21,43–45, no final da redistribuição dos territórios para as várias tribos, quando Josué afirma que não foi pela espada ou pela força que o povo “conquistou” a terra, mas que foi doada pelo Deus de Israel (YHWH),¹ em fidelidade à Aliança feita com o povo. Por isso, no Livro de Josué, ao significado do termo “terra” está atrelada a concepção de eleição, de Aliança.

¹ Essas quatro consoantes, também chamadas de tetragrama, formam o nome de Deus, que é revelado para Moisés, mas que não é pronunciado pelos judeus, sendo substituído pela palavra *Adonay*, que pode ser traduzida por “Senhor” ou o “Eterno”.

Quando esses textos foram escritos, o povo já tinha passado pelos dois exílios (assírio e babilônico) e experimentado a perda da Terra Prometida, por causa da infidelidade de seus líderes. Portanto, esse livro oferece um programa para uma nova vida na Terra; pois, se a desobediência teve como efeito sua perda, a fidelidade fará tê-la novamente como um presente de Deus. Para tal intento, o Livro de Josué faz uma releitura do passado, recordando a fidelidade de Deus às suas promessas, a fim de conduzir o povo a tomar consciência de que a terra é um dom e que a grande tentação é se esquecer disso e ser infiel (Js 23,11–13).

A terra como dom é a ideia enfatizada na primeira parte do livro, quando são narradas as inúmeras vitórias dos israelitas contra os reis cananeus (Js 2–10) e a conquista de toda a Terra Prometida (Js 1–12). Como sabemos, não há dados históricos que fundamentem esses relatos, visto que sua finalidade é teológica e não de narrar fatos reais. Toda essa primeira seção tem como moldura os capítulos 1 e 12. Em Js 1, os autores ou redatores² reafirmam que essa terra será um dom, como realização das promessas feitas aos pais, tendo Josué como guia do povo. Nesse início do livro, Deus convida Josué a ser fiel às suas normas conforme o foi Moisés, e lhe dá as orientações sobre como preparar as tribos para a “conquista da Terra”, sendo estas executadas em sua íntegra. É um marco significativo para Josué e para o povo. Para Josué, é o momento de assumir a liderança, após uma longa preparação por meio das instruções de Moisés (Livro do Deuteronômio). Para o povo, chegou o momento de passar de peregrino no deserto, de sem terra, de ex-escravo, sem nenhum direito,

² Veja na introdução deste livro com relação ao processo de redação do Livro de Josué.

para herdeiro de uma Terra dada por Deus (Dt 11,10-12). Assim, a Terra não é um objeto a ser tomado e ocupado, mas é um dom (Dt 6,10-11; 8,7-10), é um presente.³ Js 12 contém um sumário, que faz uma síntese das conquistas descritas nos capítulos anteriores. Em Js 2-12, é narrada a entrada de Josué na Terra Prometida, pela Transjordânia, quando o povo cruza o Jordão na altura de Guilgal, conquistando Jericó e Gabaon (Js 1-10), situados ao sul entre os montes de Judá e Efraim. Avança em direção ao sul, ocupando Lebona, Laquis, Eglon, Hebron e seus arredores, depois vai para o norte (Js 11-12), chegando na Galileia e ocupando o território da Cisjordânia.

A segunda parte do livro também fala da Terra (Js 13-21), ao apresentar os limites territoriais de cada tribo, sendo distribuídos por sorteio em alguns momentos e, em outros, de forma bem planejada. Nessa seção, é oferecida a lista dos nomes das localidades, destinadas a cada tribo. Esses relatos objetivam provar que a distribuição também é desejada e garantida por Deus, pois a Terra pertence ao povo eleito. Por isso, é necessário ter clareza das consequências jurídico-religiosas de sua posse e a consciência de que, ao ocuparem esse território, não serão tribos separadas, mas um povo. Portanto, a fidelidade a Deus supõe manter a unidade de Israel.

Essa distribuição para as diferentes famílias revela que Deus deseja que cada tribo tenha onde viver e tire da Terra o seu sustento. Esse é o ideal social que percorrerá todo o texto bíblico. Assim, a repartição da Terra está intimamente ligada à prática da justiça. Desse modo, é possível entender a

³ BRUEGGEMANN, W. *A terra na Bíblia: dom, promessa e desafio*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 70-104. (Temas bíblicos.)

quantidade de leis, nos textos bíblicos, para proteger o patrimônio familiar (Lv 25,1-55). Dado que também os israelitas terão a tentação de acumular terra, de esquecer que ela é um dom e de desrespeitar os direitos dos pequenos proprietários, aproveitando-se de suas dificuldades, levando-os a vendê-la para pagar as dívidas, até o ponto de ter que vender a si mesmos e suas famílias como escravos; situação esta denunciada pelos profetas (1Rs 21; Is 5,8; Mq 2,2; Am 2,6-8; 5,11-12). De fato, o grande desafio é manter o dom como dom, e não como instrumento de exploração (Dt 8,11-17; 11,16), evitando, assim, a pobreza da grande maioria e a desigualdade econômica e social.

No discurso final de Josué e na organização da confederação das tribos, fica claro que não basta ter a Terra, mas é importante mantê-la por meio da fidelidade à Aliança estabelecida com Deus. Para isso, as relações devem ser fundamentadas no amor, na justiça, na igualdade, na fraternidade e, sobretudo, na solidariedade para com o sofrimento do irmão e da irmã. Essa unificação só será possível ao pronunciarem a fé (Js 24) e permanecerem unidos ao redor do Senhor, Deus de Israel.

Nos textos que escolhemos para o estudo, Js 21,43-45 e 23,6-16, são ressaltadas essas duas dimensões. O primeiro texto prova que a vitória total sobre todos os inimigos e o dom da terra são expressões do cumprimento das promessas divinas. O segundo afirma que essa Terra somente será mantida nas mãos de Israel se todos permanecerem fiéis a Deus. Isso é retratado em Js 23,6-16, ao constatar que ainda habitam na terra os povos cananeus que não serão uma ameaça por causa de seu poder, ou que irão tirar a independência

de Israel, mas que sua presença trará sempre a tentação aos israelitas de abandonar a Aliança e de pensar que foi por seus esforços que “conquistaram a Terra”, desviando a mente e o coração dos mandamentos divinos. Por conseguinte, o autor não pede a Deus que elimine violentamente esses povos, mas que fortifique a identidade dos israelitas como povo de Deus. A ameaça descrita em Js 23,16 visa sublinhar a seriedade em serem fiéis à Aliança estabelecida com o Deus da Vida.

Essa temática nos remete à encíclica *Laudato si'*, quando o Papa Francisco nos recorda: “hoje crentes e não crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum cujos frutos devem beneficiar a todos”.⁴ Essa visão é complementada pela Carta encíclica *Fratelli tutti*, ao afirmar: “nos primeiros séculos da fé cristã, vários sábios desenvolveram um sentido universal em sua reflexão sobre o destino comum dos bens criados. Isso levou a pensar que, se alguém não tem o necessário para viver com dignidade, é porque outrem está se apropriando do que lhe é devido”.⁵ O papa também recorda o que escrevia João Paulo II: “Deus deu a terra a todo o gênero humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar ninguém”.⁶

⁴ FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Laudato si'*: sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015, n. 93.

⁵ Id. Carta encíclica *Fratelli tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020, n. 119.

⁶ SÃO JOÃO PAULO II, Papa. Carta encíclica *Centesimus annus*: no centenário da *Rerum novarum*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2008, n. 31. (Voz do papa, 126); FRANCISCO, Papa. Carta encíclica *Fratelli tutti*, cit., n. 120.